AS FEIRAS LITERÁRIAS, O LIVRO E O LEITOR: "PLUMAS EMARANHADAS"

THE LITERARIES FAIRS, THE BOOK AND THE READER: "TANGED PLUMES"

Maria Ester Vieira de Sousa[1]

Resumo: As feiras literárias têm uma história antiga, contudo, no Brasil, é a partir da primeira década do século XXI que elas se tornam mais representativas do ponto de vista quantitativo. Considerando a propagação das feiras literárias no ano de 2018, esse texto pretende, em um primeiro momento, problematizar a natureza desse evento, especialmente, diferenciando-o das feiras de livro. Em seguida, tem como objetivo discutir as imagens de leitor e de livro que são construídas em alguns cartazes de divulgação de eventos, especialmente, ocorridos em cidades paraibanas. A partir dessa breve análise, que segue o paradigma indiciário proposto por Guinzburg (1989), é possível concluir que as feiras literárias preservam o ideal de que a leitura do texto literário contribui para a humanização e a sensibilização do homem para sua convivência social. Essa é uma imagem recorrente que precisa ser desnaturalizada ou desconstruída, enquanto verdades absolutas.
Palavras-Chave: Feiras literárias; representações de livros; representações de leitores

Abstract: The literaries fairs have an ancient history, however, in Brazil, is as of the first decade of the century XXI that they become more representative from the quantitative point of view. Contemplate the propagation of the literaries fairs this year 2018, this text pretend, in a first moment, to problematize the nature of this event, especially, differentiating it from book fairs. Next, aims to discuss the reader and book representations that are constructed in some posters of events, especially, occurred in cities in Paraíba. From this brief analysis, which follows the indiciary paradigm proposed by Guinzburg (1989), it is possible to conclude that the literary fairs preserve the ideal that the reading of the literary text contributes to the humanization and the sensitization of the man to his social coexistence. This is a recurring image that needs to be desnaturalized or deconstructed, while absolute truths.
Keywords: Literaries fairs; book representations; reader representations

Feiras literárias: um ponto de observação

> Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele **aprendeu** a *reconstruir* as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. **Aprendeu** a *farejar*, *registrar*, *interpretar* e *classificar* pistas infinitesimais como fios de barba. **Aprendeu** a *fazer operações* mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, 1989, p 151) (grifos meus)

Inicio com essa epígrafe explicitando o meu viés teórico, o itinerário que seguirei e deixando claras as pistas e pegadas que sigo. Desse modo, posiciono-me a partir do paradigma indiciário proposto por Guinzburg (1989), advertindo, como faz o próprio autor, que há diferença entre analisar a natureza e analisar a cultura. Também é preciso dizer que não é só ele que informa ou orienta o meu olhar. Ao longo deste texto, convocarei outros teóricos, a exemplo de Chartier (1999, 2013, 2014), que me servirão de biombos explícitos ou implícitos.

[1] Professora titular aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Email: teca.vieiradesousa@gmail.com

CC BY

Dado que, neste artigo, o meu olhar sobre o livro e o leitor tem como referência as feiras literárias, começarei *farejando* as palavras. Um breve levantamento, em vários dicionários (eletrônicos ou não), do vocábulo *feira* demonstra a presença de alguns itens lexicais que são comuns a todas as definições encontradas. Elas podem ser resumidas pela recorrência da alusão a um evento cuja finalidade é a venda, exposição ou divulgação de determinado produto ou serviço e, naturalmente, pela menção à presença de vendedores e compradores. Ou seja, a finalidade comercial descreve a natureza do evento *feira* cujo objeto da transação comercial vem sempre determinado por uma locução adjetiva (feira de gado, feira de livro, feira literária, etc.). Seguindo esse raciocínio, em princípio, somos levados a concluir que, em feiras literárias, vende-se literatura. Será simples assim? O que significa, dentro da lógica mercadológica e da economia do livro e da leitura, "vender" literatura? Quem compra esse produto? Direta ou indiretamente, tentarei responder a essas perguntas.

Nos últimos anos, tem aumentado significativamente o número de feiras literárias no Brasil. Em todos os Estados do país, elas têm ganhado visibilidade e conquistado outros espaços para além dos grandes centros urbanos, como as pequenas cidades. Em matéria publicada no Jornal da Biblioteca Pública do Paraná (Cândida online), Ben-Hur Demeneck (s/d) afirma:

> Em 2011, havia 75 feiras literárias cadastradas no "Circuito Nacional de Feiras de Livro". No ano seguinte, a Fundação Biblioteca Nacional e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) contabilizavam 200 eventos. Dezenas de feiras eram recém-instaladas ou estavam em fase de consolidação por iniciativa de cidades pequenas e médias.

Esse é um crescimento vertiginoso que tem sido verificado a cada ano e cujo fenômeno tem suscitado diferentes reflexões. Em 2015, a professora, escritora e produtora de eventos literários, Suzana Vargas publicou um breve texto na seção de Cultura de O Globo (https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932) cujo título "O que se festeja nas festas literárias?" chama a atenção. Dentre outras afirmações polêmicas, a autora declara:

> Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros. Eventos literários sejam eles festas, feiras, bienais com maior ou menor projeção nacional, são fenômenos de marketing. Ou seja: eventualmente ouve-se falar num produto chamado livro, em seus autores, como quem anuncia uma nova marca de refrigerante. O cidadão escuta através da mídia que livros são essenciais, que ler faz bem, acorre às feiras, as escolas se movimentam, as prefeituras distribuem o vale livro ou que nome tenha essa ajuda essencial dos órgãos envolvidos. Na verdade, feiras e eventos cumprem essa missão de popularizar o objeto livro, divulgar alguns nomes da produção literária nacional e internacional, mas são, (...), eventuais. (VARGAS, 2015).

Primeiro, chamo a atenção para o fato de que a denominação se expande: as feiras viram também bienais e festas que, ainda assim, "são fenômenos de marketing". Segundo, acredito que a opinião de que esses "Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros" talvez não seja compartilhada por grande parte dos envolvidos em organização desses eventos literários, principalmente pelos

CC BY

organizadores das grandes bienais ou feiras de livros. Isso é natural, considerando a natureza polêmica da assertiva.

Particularmente, concordo que as feiras (de livro ou literárias) são eventos de marketing que fazem mover a economia do livro, principalmente em tempos de avanço de novas tecnologias que competem com o livro de papel[2]. Mas não acredito que possamos limitar a função desses eventos à popularização do "objeto livro" e à divulgação de "alguns nomes da produção literária nacional e internacional".

E diria mais: talvez seja importante, para melhor entender essa discussão, estabelecer uma diferença entre feiras literárias e feiras de livros[3]. Não pretendo aprofundar-me nessa empreitada, mas defendo que essas últimas possuem uma função mercadológica bem mais próxima daquela que defende Suzana Vargas. Já as feiras literárias têm, em geral, adotado uma configuração – com eventos dentro do evento (palestras com escritores, com pesquisadores e especialistas em leitura, lançamentos de livros, momentos de autógrafos, performances artísticas, música, dança, minicursos para diferentes públicos etc.) – que extrapola a função a que se refere a autora e ganham ares de um evento cultural, não meramente voltado para o marketing do livro e do autor, mas caracterizado pela ideal de festa, festejo, confraternização, encontro. Por isso, também considero, nessa mesma perspectiva, os eventos autodenominados de festa e/ou de festival literários.

Observando rapidamente a programação de algumas feiras literárias, acredito que possamos afirmar que esses eventos culturais literários, em geral, caracterizam-se por contar com:

- a participação efetiva de membros da comunidade ligados à educação e à cultura, a exemplo de professores e alunos de escolas municipais, estaduais e particulares e agentes culturais locais (todos esses agentes também são o alvo principal dessas feiras);
- a presença de escritores locais e convidados;
- atividades culturais diversas: a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e o cinema;
- atividades como palestras, conferências, performances, minicursos, relatos de experiências (em geral, apresentados por professores e/ou agentes culturais), etc.[4].
- a participação de setores públicos em sua organização (ou possuem financiamento público);
- a predominância de livros considerados (ou catalogados como) infantis, juvenis e Best Sellers;
- a presença de novos escritores e de escritores blogueiros, e de pequenas editoras;
- uma programação que faz um apelo direto à formação do leitor (a economia da leitura);

[2] Sobre essa questão, sugiro a leitura de Charthier (1999) e Zilberman (2001).

[3] Há quem, a exemplo de Lindoso (2013), defenda os "Festivais de Literatura" como um tipo de "Feira de livros" cujas atividades seriam quase exclusivamente culturais.

[4] Esse formato da programação das feiras literárias parece ser devedor dos congressos científicos que também ganharam maior repercussão a partir da década de 90 do século XX.

- uma tendência a serem ou se tornarem temáticas (muitas vezes, com homenagens a figuras, em geral literatos, da região, do estado ou do município).

Resumindo, primeiramente, diríamos que, diferente das feiras de livros, as feiras literárias nem sempre têm um interesse comercial, mas visam contribuir com a formação cultural da população, com foco no estímulo à leitura e à formação do leitor e, eventualmente, à conquista de novos públicos consumidores. Em segundo lugar, defendemos que, nessas feiras, as atividades culturais marcam, em geral, um congraçamento entre autores e leitores, entre promotores culturais e o público local. Esse formato se torna mais evidente quando essas feiras se realizam em pequenas cidades, sem tradição de eventos culturais e, às vezes, sem sequer a presença de uma livraria[5].

Em princípio não objetivo discutir a função das feiras, contudo, resolvi retomar essa questão para me posicionar em relação a algo que também está no cerne do objetivo deste artigo. Como professora e pesquisa da área, concordo com Suzana Vargas quando afirma que feiras não formam leitor, se considerarmos que a formação do leitor não decorre de ações eventuais, mas de ações contínuas, cotidianas e de longa duração, que, em geral, têm a escola como propulsora, e que, evidentemente, extrapolam os limites de um evento.

É preciso, no entanto, imediatamente reconhecer que as feiras literárias existem em função dos livros; também é certo que, embora não formam leitores, existem em função deles. Nesse sentido, pretendo também, nesse artigo, discutir a representação do livro e do leitor que faz parte do ideário dessas feiras. Para tanto, a seguir, irei me deter à análise de alguns "produtos" de divulgação (ou peças publicitárias) de algumas feiras literárias que ocorreram em 2018 no Estado da Paraíba.

Imagens de livros e leitores: entre rastros incertos e pistas culturais

> Uma coisa é analisar pegadas, rastros, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos de neve ou cinzas de cigarro; outra é analisar escritas, pinturas ou discursos. A distinção entre natureza (inanimada ou viva) e cultura é fundamental. (GUINZBURG, 1989, p 171)

As escritas, as pinturas ou os discursos nos colocam no mundo do simbólico, que, necessariamente, convoca a cultura e a história para que possamos atribuir um sentido a essas práticas humanas e sociais. Envolvidos que estamos com as práticas de linguagem, nem sempre percebemos quão complexa é a ação que diariamente praticamos para entender o outro e nos fazer entender. Dito isso, convoco o conceito de representações, o qual será essencial para a leitura que me proponho a realizar: "As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus expectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram." (CHARTIER, 2013, p. 27).

[5] Na Paraíba, em 2018, pequenas cidades, a exemplo Monteiro, Barra de São Miguel, Mamanguape, Conde, Pedras de Fogo, realizaram a primeira versão de suas feiras (festas) literárias, muito em função do incentivo da Secretaria de Cultura do Estado. Boqueirão, até então, se colocava como a única cidade a realizar uma feira literária já consolidada no Estado. Em 2018, realizou a sua nona edição.

CC BY

É exatamente esse poder de persuasão e essa capacidade de produzir, criar realidades, que me interessam observar nas imagens que passo a analisar. Se as representações, por essa "manobra" de persuasão, nos levam a naturalizar os sentidos, cabe ao analista proceder à desnaturalização, a partir do estranhamento dessa identificação absoluta entre as palavras (ou as imagens) e as coisas, como sugere Guinzburg (2001). Iniciemos pela figura abaixo:

Figura 1: V FLIBARRA



Fonte: http://www.memoriabsm.com.br/2018/05/2018-v-festival-literario-de-barra-de.html

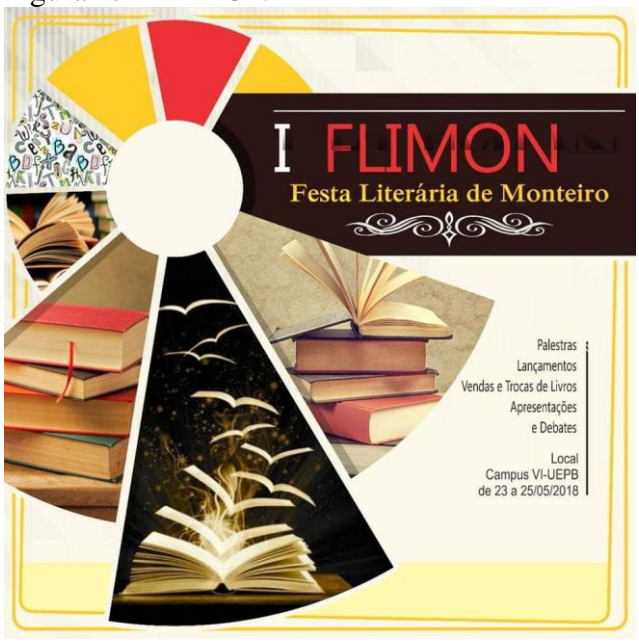
O Festival Literário de Barra de São Miguel (V FLIBARRA), seguindo uma tendência de tantas outras feiras, é temático: homenageia "artistas e personalidades da terra". No cartaz, em segundo plano, fotos, antigas e mais recentes, que, provavelmente[6], são dos homenageados, parecem presas a uma parede sóbria. Essas fotos estão quase rentes ao piso no qual, em primeiro plano e no centro, está um livro que, do ponto de vista imagético, sobrepõe-se às fotos e apresenta de modo mais claro o tema do evento: "Construindo o futuro com as memórias de nosso povo". As cores (azul, branco, amarelo, laranja) são as mesmas que se fazem presentes na logomarca atual do município. A alusão ao passado (glorioso), a partir do qual será construído o futuro, parece encontrar ressonância nessas cores (as cores da cidade) e no sol[7] estilizado que desponta por trás de uma fita verde que parece enfeitar o livro para presentear o leitor.

O passado está atrás (no fundo da imagem) e o livro que se entreabre, disforme e tímido, parece simbolizar o presente e o futuro. Mas que livro é esse que solitariamente se apresenta? De que trata? Das memórias "dos artistas e das personalidades" de Barra de São Miguel? A quem se abre? Às novas gerações? Estranhamente, as peças não se juntam. O livro surge como um mero adereço no cartaz, distante do leitor, apesar de se apresentar a ele! Passemos a outra imagem:

[6] A imagem só me permite fazer suposições.
[7] O sol nas mesmas cores também aparece na logomarca do município, mas com uma pequena diferença: lá não aparecem os raios que sugerem luminosidade.

CC BY

Figura 2: I FLIMON



Fonte: Cartaz do evento, cedido por Daniely Vieira Inô.

A primeira Festa Literária de Monteiro (I FLIMON) é-nos apresentada com uma imagem que lembra aqueles leques em que são apresentadas palhetas de cores: a sigla do evento, ao alto e à direita, em letras garrafais e em duas cores, em fundo preto, salta aos olhos do leitor. A estilização de um arabesco clássico[8] parece servir de bandeja para o nome da Festa (Festa Literária de Monteiro), evento que passa a ser apresentado ao leitor ou que se abre (se descortina) diante do leitor.

Lida no sentido anti-horário, a imagem parece sugerir a alegria da festa através das cores fortes, bem no alto e no centro da figura; em seguida, surgem letras embaralhadas, que começam tímidas antes de virarem livros que se abrem e se fecham diante do leitor; livros que se transformam em pássaros, que voam; livros que se amontoam e calmamente pousam diante de nossos olhos, que se interrogam: que livros são esses? Quem são seus autores? De que eles falam? De dores, de amores, de esperanças? E a mente dança e a imaginação voa como o livro-pássaro-gaivota! A festa literária festeja o livro cuja representação é idílica. Ler associa-se, portanto, à fruição, atividade que se deixa levar (voar) pelo sentimento, pelo prazer[9].

Livros abertos também aparecem na imagem abaixo:

[8] Observem a correspondência com o arabesco clássico a seguir, facilmente encontrado em www.google.com:



[9] A fruição nem sempre está relacionada à "maneira correta de ler". Sobre os objetivos da leitura e os diferentes modos de ler, em diferentes épocas, ver Abreu (1999) e Sousa (2014).

CC BY

Figura 3: FLIFOGO



Fonte: http://destinoparaiba.pb.gov.br/pt/event/feira-literaria-de-pedras-de-fogo-pb-flifogo/

Assim como na figura anterior, os livros dessa figura também se abrem e parecem querer voar, mas estão presos em bolhas. Um deles aparece mais nítido, enquanto os outros estão fora de foco. Distantes do leitor, inacessíveis, os livros desaparecem da página (da visão do leitor). Estranha imagem! O cartaz da Festa Literária de Pedras de Fogo dá destaque à data do evento e aos apoiadores (governos do estado e do município).

Passemos a outro cartaz:

Figura 4: 1ª FLIVM



Fonte: http://paraibadebate.com.br/

As letras que caem ou escorrem do livro formam caminhos que parecem querer chegar a outros lugares (a outros olhos, ouvidos?) e se transformam em uma lâmpada representando as novas ideias que saem dos livros. É o leitor ou o autor que carrega o livro que derrete? Quero crer que é o leitor, que lê e que se capacita a ter boas ideias. Há uma clara alusão à compreensão de que o livro sempre produz conhecimento, de que ler sempre provoca ou gera boas ideias.

Essa positividade atribuída ao livro também pode ser percebida no cartaz da Festa Literária de Pocinhos (FLIPOCINHOS), que traz uma árvore de livros:

CC BY

Figura 5: FLIPOCINHOS



Fonte: https://paraibaonline.com.br/2018/11

É posição, sem forçar a análise, associar essa árvore a outra. A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal são bíblicas: estão no centro do jardim em Éden. A descrição se encontra em Gêneses 2-3 e, enquanto a árvore da vida simboliza a imortalidade, a árvore do conhecimento simboliza sabedoria, mas também o pecado, a descoberta de que o "rei está nu".

A árvore de livros, presente na figura 5, alude diretamente ao conhecimento, em geral, ligado ao bem, afinal, a imagem de livros que hoje prevalece é sempre positiva, ou seja, os livros, tal qual o concebemos hoje, não ensinam o mal, não fazem mal[10]. Assim, na árvore do cartaz, vemos livros e mais livros (os frutos), de várias cores, abertos, fechados, voltados ou não para leitor. Nesse caso, considerando-se esse viés positivo, diríamos que esses frutos tanto podem referenciar a imortalidade do autor quanto a sabedoria, o sabor e a delícia que a leitura proporciona.

A Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) possui uma logomarca que se faz presente em cartazes de edições anteriores do evento: a imagem estilizada de um livro aberto sobre o qual há uma silhueta de um sujeito correndo (o leitor).

Figura 6: Logomarca da FLIBO



Fonte: http://flibopb.blogspot.com

[10] É preciso, contudo, não esquecermos que nem sempre é essa imagem positiva do livro e da leitura que se tem. O livro já foi referenciado como aquele fruto que faz mal ao corpo (provoca cegueira, dores na coluna) e à mente (provoca loucura, mau comportamento, desobediência). Muitas fogueiras, em diferentes épocas, já foram erguidas com livros. A esse respeito, ver, dentre outros, Manguel (1997) e Chartier (1999).

Na edição de 2018, que teve como homenageada Clarice Lispector, o leitor é o foco do cartaz, é o personagem principal da Festa Literária:

Figura 7: FLIBO



Fonte: http://flibopb.blogspot.com/

Há uma ênfase na imagem da criança leitora, que, posicionada do lado direito da imagem e em tamanho maior que as outras imagens, é erigida a público alvo da FLIBO. É uma imagem emblemática do leitor dado que o modo como a criança é representada gera vários simulacros sobre os quais precisamos refletir. Os gestos de leitura aqui revelados remetem para outros leitores ausentes. A introspecção da criança, a postura do corpo, os óculos e o modo como ela os segura simulam o leitor adulto. Sentada sob uma pilha de livros velhos, a criança leitora constrói sua leitura, sozinha, mas sustentada/apoiada/assentada sobre o passado e, ao mesmo tempo, sobre o seu futuro de leitora. Presente, passado e futuro se misturam numa só imagem, com a advertência (implícita) de que os eventuais leitores do passado e do futuro (implícito na imagem e figurativizado pelos livros antigos e volumosos) não são os mesmos do leitor do presente (presente na imagem). Afinal,

> [...] ler reclama um sujeito da leitura (os leitores) que, dependendo do objeto da leitura (os textos), não pode ser qualquer um. Por sua vez, o objeto da leitura reclama/exige, além de sujeitos específicos, modos de ler, que são constrangidos (delimitados ou limitados) por regras sociais, culturais, enfim, históricas. (SOUSA, 2014, p. 86)

O chamamento para a feira literária de Campina Grande contou com duas peças publicitárias. O primeiro cartaz, reproduzido a seguir, foi o que teve uma maior circulação:

Figura 8: FLIC1



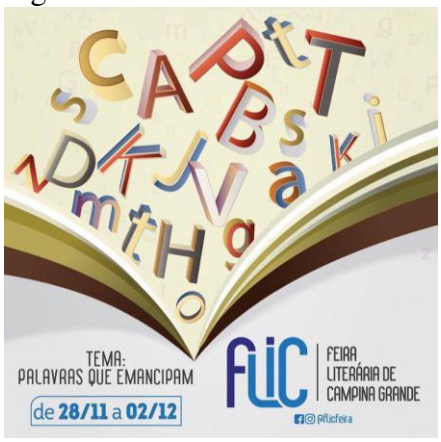
Fonte: http://paraibadebate.com.br/campina-grande-tera-1a-feira-literaria-em-novembro-e-dezembro/

CC BY

Vejamos que, diferente de todos os cartazes até agora analisados, nem livros, nem leitores se acham representados. Apenas a sigla, seguida do nome do evento, se destaca em letras azuis e bastante sóbrias. Esse jeito *clean* beira à impessoalidade. A feira asséptica, de ninguém e de todos. Quem faz? Quem promove? Para quem? O modo anônimo de se representar no mundo parece encontrar a representação máxima nas cores e na escolha do formato das letras. Essa é uma exceção à regra visto que, no geral, predomina um modo (quase naturalizado) de se referenciar as feiras literárias. Daí o estranhamento do leitor do cartaz.

Talvez exatamente por isso, o segundo cartaz, ao qual tive acesso apenas na versão final deste artigo[11], retoma o estereótipo das representações de Feira Literárias:

Figura 9: FLIC2



Fonte: http://campinafm.com.br/portal/dia-28-de-novembro

A imagem é divida ao meio por uma figura estilizada de um livro. Acima do livro aberto, flutuam letras dispersas, diversas, as quais podem remeter para a ideia de conhecimento associado ao livro – talvez numa referência ao tema do evento: "Palavras que emancipam" que se encontra abaixo do livro – e para a ideia de dispersão dos sentidos. Também abaixo do livro, o cartaz anterior (FLIC1) passa a ganhar o status de logomarca do evento.

[11] Essa Figura 9 me foi enviada após submissão do texto ao(à) parecerista da revista. Desconheço quem fez a indicação, mas acabei encontrando no site que consta da fonte. Em várias consultas feitas através do aplicativo Google, tive acesso a vários sites em que consta apenas a Figura 8. Daí porque resolvi citar as duas.

Quase uma conclusão

A referência ao livro ou ao leitor, ao lúdico, ao idílico ou ao sonho que a leitura proporciona está presente em praticamente todos os cartazes, a que tive acesso, de feiras literárias espalhadas pelo Brasil. Citarei apenas dois exemplos que considero bem representativos: o da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e o da Festa Literária Internacional de Pernambuco (FLIPORTO)[12].

Figura 10: FLIP



Fonte: https://www.traum.com.br/evento/flip-2018-festa-literaria-internacional-de-paraty/

As cores, as flores, os galhos, a leitora que caminha sobre os galhos, tudo é pura poesia. A sigla do evento parece flutuar sobre o lugar dos sonhos, do prazer, da fruição.

A FLIPORTO também convoca o lúdico, mas aposta no "diálogos no contemporânea" como temática do evento:

Figura 11: FLIPORTO



http://www.domingocompoesia.com.br/2018/08/

Os diálogos que surgem no grande balão de fala azul à direita estão assentados sobre as águas azuis (de Porto de Galinhas) cujas ondas reverberam, propagam-se, inclusive, com a presença de pequenos outros balões de fala. Do megafone, dentro do

[12] A FLIPORTO, criada em 2005, nasceu como Feira Literária Internacional de Porto de Galinhas (município do literal pernambucano) e ganhou o status de representante do estado, tendo várias de suas versões realizadas em Olinda-PE. Em 2018, ela voltou para Porto de Galinhas. Para maiores informações ver: http://fliporto.com.br/

CC BY

grande balão, saem livros, lápis, "aviõezinhos de papel", símbolo de *whatsapp*. A modernidade precisa dialogar com o passado, os suportes da escrita são muitos; o livro é a grande estrela das feiras, mas parece que começa a dar espaço para outros suportes da escrita.

Todas essas peças publicitárias retomam a representação da leitura que está na base da definição de Literatura como "[...] um conjunto de textos capazes de tornar as pessoas melhores [...]" (ABREU, 2006, p.81). Naturalmente, paralela ou complementar a essa concepção, há quase sempre a compreensão de que não é qualquer texto que promove o bem, mas apenas aqueles considerados representantes da *Grande Literatura*, do cânone (nacional e internacional) que se consolidou ao longo dos séculos, das décadas, dos anos. Essa compreensão é desmontada por Márcia Abreu com um argumento muito simples e bem prosaico: "Uma definição de Literatura como fonte de humanização não se sustenta diante do fato de que há gente muita boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão." (ABREU, 2006, p. 83).

Referências

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leitura das Belas Letras no Brasil Colonial. *In*: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1999.

_____. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. *In*: **Roger Chartier – A força das representações**: história e ficção. ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). Chapecó, SC: Argos, 2013.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
DEMENECK, Ben-Hur. **Festival de feiras**. *Disponível em:* http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=791. Acesso em: 08 de fev. 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
LINDOSO, Felipe. **Feiras de livro, Indústria editorial, fomento à leitura e profissionalização de autores**. 2013. Disponível em: < http://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso_Feiras-de-Livros.pdf>. Acesso em: 11 de fev. de 2019.
MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Discursos sobre a leitura e o leitor: a contradição que ensina. **Revista Letras**, Curitiba, n. 89, p. 81-98, jan./jun. 2014. Curitiba: Editora da UFPR, 2014

VARGAS, Suzana. **O que se festeja nas festas literárias**? Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932. *Acesso em:* 08 de fev. *2019*

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

Recebido em 24 de janeiro de 2019

Aceito em 20 de fevereiro de 2019

CC BY